



Jonathan Swift.

"All culture constitutes so many somewhat different answers to essentially the same questions posed by human situations."

Clyde Kluckhohn, A. L. Kroeber, 1963

Definir o conceito de cultura é uma tarefa extremamente difícil. Afirmam-no praticamente todos os analistas culturais e, entre eles, destaca-se Louis Luzbetak, autor de *The Church and Cultures-An Applied Anthropology for the Religious Worker* (1970), obra cujo conteúdo está relacionado com o tema deste ensaio. Declaram também que a Cultura é o modo de vida de um grupo social, é algo de supra-individual e de permanente que se pode considerar como uma tradição de hereditariedade social. Constitui um todo com partes interrelacionadas e cada uma dessas partes tem a sua função específica. Não é algo de extinto ou de estático mas sim de dinâmico e de vivo. Apesar da ambiguidade com que o conceito de cultura tem sido tradicionalmente tratado nestes últimos tempos, os estudos e as investigações no campo da teoria cultural tem tido grande incremento.

Actualmente, visto que, apesar de tudo, já se procedeu pelo menos à rectificação fundamental das premissas relativas à definição de cultura, para se fazer uma análise cultural da obra de Jonathan Swift, além de ter de se obter informação histórica e teológica, dispõe-se de várias formas de abordagem para realizar esse estudo. Pode escolher-se, além de outras perspectivas, entre:

- a fenomenologia de Peter Berger ("A Market Model for the Analysis of Ecumenicity", *Social Research*, 1963, 30, pp. 75-90); *The Sacred Canopy*, 1967; *Pyramids of Sacrifice*, 1974; *The Other Side of God*, 1980);

- a antropologia cultural de Mary Douglas (*Natural Symbols: Explorations in Cosmology*, 1970; "The Effects of Modernization on Religious Change", *Daedalus*, Winter 1982, pp. 1-29);
- o método estrutural de Michel Foucault (*Madness and Civilization: A History of Insanity in the Age of Reason*, 1965; *The Archeology of Knowledge*, 1972; *Power and Knowledge*, 1980);
- a teoria crítica de Jürgen Habermas (*Knowledge and Human Interests*, 1971; "History and Evolution", *Telos*, 1979, 39, pp. 5-44; *The Theory of Communicative Action*, 1983).

Entre os múltiplos métodos de análise possíveis, do nosso ponto de vista, o mais adequado seria o utilizado pela antropologia cultural, fundada por Bronislaw Malinowsky (*Coral Gardens and their Magic*, 1935; *Freedom and Civilization*, especialmente cap. 9 "The Role of Religion and Magic", pp. 205-215) e seguido por E. E. Evans-Pritchard (*Theories of Primitive Religion*, 1965) e por Edmund Leach (*Social Anthropology*, 1982), devido ao grande relevo que nele se dá às funções sociais do ritual e aos estudos feitos por Mary Douglas sobre cosmologias comparadas.

Como quer que seja, e mesmo que não se aplicasse qualquer destas teorias, dever-se-ia sempre estabelecer a relação entre o estudo a realizar e alguns dos problemas da cultura e, em particular, os específicos da cultura britânica, tanto na época de Swift como até nos nossos dias, sempre que tal fosse possível. A fim de esclarecer a nossa ideia, consideraremos alguns exemplos concretos. Pode dizer-se que Swift, na sua obra, fala do problema da acomodação da teologia à cultura de um país, problema este que já os Apóstolos tiveram de enfrentar e que, sendo também um dos mais discutidos no Concílio Vaticano II, ainda hoje se debate em Inglaterra. À guisa de exemplo, consideremos um dos seus pontos específicos, como o da

frequência obrigatória da comunhão, que Swift trata em *A Project for the Advancement of Religion* (1709). Teria de se referir que o assunto tem sido discutido ao longo dos tempos até aos nossos dias. Poderia mesmo acrescentar-se que o *Eucharistic Canon* está a ser revisto desde 1906.

Ao citar o *Prayer Book*, poderiam igualmente indicar-se as diferentes revisões que este tem sofrido. O primeiro *Book of Common Prayer* data de 1549, mas, desde então para cá, foi publicada a edição de 1552 e o *Elizabethan Prayer Book* de 1559; tendo, após o *Act of Uniformity* de 1662, sido introduzida a *Authorized Version* para a Epístola e o Evangelho. Teria igualmente interesse, de um ponto de vista cultural, referir as persistentes controvérsias que, desde Swift, tem havido sobre o ritual e que as alterações ao Cãnone Eucarístico foram rejeitadas pela House of Commons em 1927 e em 1928. Este veio, porém, a ser revisto em 1955, tendo, em 1965, surgido o *Alternative Services Measures*.

Relacionado com a apreciação irónica que Swift faz de "entusiasmo religioso" em *The Mechanical Operation of the Spirit* (1710), podemos examinar, por outro lado, o tipo de análise que se poderia fazer a propósito da evolução da palavra *enthusiasm*. Além de se referir a sua origem grega, a sua utilização em textos religiosos e as modernas versões nas traduções contemporâneas da Bíblia, seria igualmente indispensável mencionar a evolução do sentido desta palavra em Inglaterra. O significado original da palavra é, segundo os dicionários: "possuído por um deus".

O platonista de Cambridge, Henry More (1614-87), que ensinou em Christ's College e publicou obras como *Psychodia Platonica* (1642), *Conjectura Cabbalistica* (1653), *A Plain and Continued Exposition of the Several Prophecies or Divine Visions of the Prophet Daniel* (1681), tal como os outros platonistas da Universidade de Cambridge, pretendia libertar a religião do fanatismo e da controvérsia. Ao contrário dos

Calvinistas, achava que a natureza humana não era corrupta e que o Homem podia atingir a perfeição através da Razão e da imitação de Cristo. No opúsculo intitulado *Enthusiasmus Triumphatus* (1922) refere-se à palavra *enthusiasm* como "divine sagacity".

Já anteriormente, em 1655, Meric Casaubon se ocupara deste assunto em *Treatise Concerning Enthusiasme*, cujo subtítulo, bastante significativo, era: "As it is an effect of Nature but is mistaken by many for either Divine Inspiration or Diabolical Possession". Esse sentido original, como dizíamos, foi evoluindo e a palavra veio a significar inspiração imaginativa, chegando no século XVIII a ser usada como sinónimo de extravagância na devoção religiosa, vindo mesmo a coincidir com loucura. Pode até levantar-se a questão de saber se aquilo que Swift escreveu sobre "religious enthusiasm" em *A Discourse Concerning the Mechanical Operation of the Spirit* (1710) e a sua *Digression on Madness*, que incluiu em *A Tale of a Tub* (1710), terão contribuído para esta mudança de significado. Philip Harth, na obra intitulada *Swift or the Anglican Rationalism* (1961) refere-se justamente a este aspecto do problema.

Impõe-se, portanto, procurar analisar todos os acontecimentos a que Swift se refere e que, no seu tempo e desde então até hoje, se tal for o caso, tiveram consequências culturais e influenciaram ou marcaram a cultura britânica. Consideremos ainda outro exemplo: Swift baseou o seu sermão "On the Trinity" (1744) num passo da Sagrada Escritura. A este propósito será de referir a *Authorized Version* de 1611 e a *Revised Version* de 1881, de Wescott e Hort, que aliás apenas traduziram o Novo Testamento. Interessa igualmente a um investigador de cultura inglesa saber quais foram as traduções feitas para inglês desde então, como a de Weymoth de 1902, a de Moffatt de 1924, a de Knox de 1948 e as versões em inglês moderno como, por exemplo, *Good News Bible*.

Este tópico tem tanto mais interesse quando se verifica que o próprio Swift, em *A Proposal for Correcting, Improving and Ascertaining the English Tongue* (1712), tece elogios aos tradutores da Bíblia e defende a simplicidade da linguagem bíblica. Impunha-se, portanto, fazer uma breve relação que nos levaria à conclusão que neste – como aliás em outros casos – Swift se antecipou, já que o gosto pela simplicidade nos textos bíblicos é hoje tão bem aceite na Grã-Bretanha, como se verifica com a popularidade das edições *Good News Bible* (1958), *Bible Society* (1966), *Living Bible* (1971) e da *New English Bible* (1961-71).

Relacionado com esta visão de Jonathan Swift como alguém que antecipou as atitudes dos intelectuais modernos, dever-se-ia também mencionar o facto de ele se referir ao vazio existencial. Swift afirmava, tal como tantos escritores contemporâneos, que a vida era dolorosa, sendo, segundo ele próprio afirma, "a tragic farse". Integram-se igualmente neste campo as ideias que Swift exprime em *An Argument Against the Abolishing of Christianity in England* quando afirma que o que resta da verdadeira religião cristã é apenas "nominal Christianity".

A propósito de *A Tale of a Tub*, e de toda a informação que a obra contém acerca das condições de trabalho dos jornalistas e do facto de Swift se referir a Grub Street e aos seus *scribblers* que começaram então a praticar um novo jornalismo político, seria de mencionar, como questão de interesse cultural, que se iniciou aqui a importância e a dignificação dos chamados "political hacks", quando as instituições democráticas começaram a expandir-se e a censura a diminuir. Também neste caso, Swift pôs o dedo na ferida e poderia funcionar como um espelho que reflecte a evolução da cultura britânica. A situação, o *status*, dos escritores e impressores alterou-se no tempo de Jonathan Swift, e para tal contribuiu a coragem dos jornalistas, que partilharam da luta dos impressores pelo direito elementar de

poderem imprimir livremente. A imprensa começa a surgir nesta época como arma política e Swift apercebeu-se disso, tal como refere Michael Foot em *The Pen and the Sword-Jonathan Swift and the Power of the Press* (1984).

Para além destes exemplos, há ainda múltiplos outros pontos que, pela sua importância na Cultura Inglesa, se justificaria referir. Há, porém, outra questão que se pode igualmente pôr mas que se situa já no âmbito da literatura. Percy Adams, o grande especialista de literatura de viagens, inclui *Gulliver's Travels* neste tipo de narrativas e, no seu estudo *Travel Literature and the Evolution of the Novel* (1983), fala da grande contribuição desse tipo de literatura para a evolução da ficção narrativa.

Ora, Swift, em *Gulliver's Travels*, segue, de facto, a estrutura habitual dos relatos de viagens ao fazer o seu herói viajar em todos os oceanos do mundo e descobrir quatro terras desconhecidas, duas no Sul do Pacífico, perto da Austrália e duas no Norte, entre o Japão e o continente americano. Procede do mesmo modo ao incluir longas listas de instruções para navegação em "A Letter to his Cousin Sympson" com que inicia a obra. Porém, Pat Rogers, em *The Augustan Vision*, tal como outros críticos, afirma que Swift desprezava a literatura de viagens e que era justamente essa forma literária, tão popular na sua época, que ele pretendia satirizar em *Gulliver's Travels*.

Por outro lado, no campo da epistemologia, também, segundo alguns críticos, a posição de Swift é ambígua. Ele parece seguir as recomendações da Royal Society, ao querer trazer consigo, quando regressa, os minúsculos carneiros e vacas. Parece, sobretudo, fazê-lo no 12.º capítulo da 4.ª viagem, ou seja, no capítulo 12.º de *A Voyage to the Houyhnhms*, quando ataca: "those travellers who swerve from the truth", tal como faria um bom membro da Royal Society que deveria ser exigente acerca da veracidade dos relatos de viagem.

A este propósito, põe-se a questão de verificar se aquilo que ele pretendia atacar com esta obra era o que o próprio Swift

designou como "modern knowledge", justamente o tipo de saber que se apoiava em mapas e nas informações trazidas pelos viajantes e cujo conhecimento era muito apreciado pela já referida Royal Society. Ou se, por outro lado, o fazia porque achava que essa erudição, de uma forma geral, não contribuía para o desenvolvimento moral, utilizando as palavras swiftianas: "for the moral improvement of mankind".

Alguns outros críticos pensam que o alvo do ataque de *Gulliver's Travels* não era nem a literatura de viagens, como afirma Pat Rogers, nem o saber moderno, como pretende Frances Louis, no seu estudo *Swift's Anatomy of Misunderstanding – A Study of Swift's Epistemological Imagination in A Tale of a Tub and Gulliver's Travels* (1981). Pode ainda pôr-se em confronto a posição de Swift no campo da epistemologia com a atitude religiosa que exprime em *A Tale of a Tub*.

Se concluirmos que, em *Gulliver's Travels*, ele não pretende atacar a literatura de viagens nem a aquisição de saber relacionado com as descobertas de novos mundos e baseado na experiência, e que, em *A Tale of a Tub*, não ataca a religião em geral mas sim os abusos, os erros e exageros feitos num e noutra campo, poderemos inferir que Jonathan Swift pretendia no fundo atingir o mal e os excessos daquele que ele próprio designa como "that little odious vermin called man".